

## Editorial

### Odisseias

Publicação: [O Mundo em Português Nº 53](#)

Data de Publicação: Fevereiro 2004

Autor: Álvaro de Vasconcelos

Quem são os homens e as mulheres das modernas «vagas sucessivas», para usar a expressão da Constituição Europeia, que estão a transformar a Europa e os seus Estados em novas Américas da diversidade, e estão a construir, a par da América-Mundo, a Europa-Mundo? Quem são os que, para chegar ao «paraíso», correm riscos terríveis, padecem provações sem conta, no terror de serem descobertos, e perecem por vezes no Mediterrâneo, no mar que foi mundo de Ulisses, ou na negrura asfixiante de um contentor, vítimas de passadores sem escrúpulos e das máfias que fazem do tráfico de seres humanos um negócio comparável ao da droga. Ninguém os retratou melhor, talvez, que a companhia do Théâtre du Soleil na portentosa encenação de *Le Dernier Caranvansérail (Odyssees)*, em que Ariane Mnouchekine, com a mesma generosidade com que dantes apoiou os refugiados portugueses, dá expressão, rosto e voz aos de mais remotas paragens.

Das rotas do Cáucaso às do Mediterrâneo, a caminho da Europa ou da Austrália, o mundo é percorrido a cada momento por milhares e milhares de refugiados. A maioria foge da guerra, muitos procuram escapar à perseguição política, outros ainda à insidiosa razia da privação de direitos, muitos fogem à fome. Nas Odisseias, cada refugiado tem um nome e uma voz, uma tragédia e uma esperança, uma memória e um passado, quer se escreva em farsi, em árabe ou em russo, é posto em cena para que nós saibamos que existem, que são gente e não ninguém, o nome com que o originário Odisseus, o primeiro exilado nos mares, escapa aos ciclópicos comedores de gente, «selvagens sem justiça». Afegãos, iranianos, iraquianos, curdos, contam, nos campos de Sangatte ou de Villawood na Austrália, as suas histórias, mulheres fugidas à barbárie onde as querem enclausurar, homens e mulheres que muito longe da sua pátria procuram a liberdade, na sonhada Europa terra de asilo ou na imaginária próspera Austrália das imensidões por desbravar.

Quem tenha lido as *Memórias de um Europeu*, a obra obrigatória de Stefan Zweig, sabe como ele sabia que nos alicerces do ideal europeu está essa vontade de ser cidadão da

Europa, e por isso mesmo do Mundo, livre dos muros que o fanatismo nacionalista ergueu desde a Primeira Guerra Mundial. A Europa fez-se pela economia e talvez não pudesse ter sido de outro modo, mas sucumbirá se não preservar os seus valores fundadores. A forma como na Europa têm sido recebidos – ou escorraçados – muitos dos que nela procuram refúgio, é sinal dos perigos que nos espreitam. Os Sangattes que existem ainda são uma vergonha. Não pode haver uma sociedade aberta e livre para os que nela nasceram que não respeite os direitos do Outro – tanto mais que o Outro verdadeiramente não existe numa sociedade assente na igualdade. Muitos vêm não só à procura do refúgio contra a intolerância que a Carta das Nações Unidas lhes garante, mas ao encontro de um meio cultural, em liberdade, com que se identificam, como os refugiados afegãos em Londres ou vietnamitas em Paris.

A Europa está a mudar, porém, e as reacções identitárias de preservação nostálgica de uma certa ideia das nações europeias são o resquício do veneno nacionalista que na primeira metade do século passado marcou na guerra e na tragédia a história dos europeus. A democracia defende-se defendendo os direitos dos que não têm direitos, e não com exclusões em nome de interesses egoístas e de estratégias políticas de vistas curtas, que só reforçam a xenofobia e legitimam as novas correntes nacionalistas.

Há quem olhe com horror o actual debate francês, temendo que com o fim do mito da unicidade cultural morra a República e com ela a laicidade e a democracia. Mas a transformação da França numa sociedade mais aberta a uma maior diversidade cultural e religiosa, garantida pela protecção dos mesmos direitos para todos, é sinal do futuro da Europa. As grandes cidades europeias, como Paris, Londres, Berlim ou Roma, povoadas por muitas e diversas gentes, apontam o futuro que já foi e será também o de Lisboa (como já começa de novo a ser) e do resto da Europa. Em muitos aspectos é um retorno às cidades de antes das guerras europeias, como a Paris de Stefan Zweig «cidade aberta, livre e criadora, enriquecendo-se com a sua farta prodigalidade». O mito da identidade cultural única dos franceses ou dos portugueses desaparece na pujança e qualidade que a diversidade traz à nossa cultura e à nossa vida colectiva. Pluralidade de pertenças que exige uma adaptação profunda das sociedades europeias para que aqui não se consolidem novos guetos e não cresça a intolerância e o fanatismo.

Os refugiados são o testemunho trágico das guerras e dos conflitos modernos e uma parte ínfima das suas muitas vítimas civis. Comprovam todos os dias e na maioria dos cantos da terra que um traço marcante do mundo em que vivemos é a incapacidade da comunidade internacional para prevenir e aliviar o sofrimento humano. Prever uma sociedade internacional democrática, sem guerras nem exilados, ceder ao encanto da

profecia, mas contribuir para a sua democratização pertence ao domínio do real e depende do reforço do sistema que «pressupõe o convívio das diferenças». Isto dizia há anos em Lisboa Norberto Bobbio, cuja memória e o pensamento aqui evocamos.

Lembra o projecto de Constituição Europeia, logo na frase introdutória do preâmbulo, que os que povoaram a Europa, chegados desde os tempos primordiais em vagas sucessivas, aqui desenvolveram progressivamente os valores em que se funda o humanismo: igualdade, liberdade, primado da razão. Quando a renitência dos nacionalismos roça extremos identitários, quando ressurgem com força insuspeitada o racismo e a xenofobia, justificados ou não em cortes pretensamente civilizacionais, quando alguns se tentam por uma definição excludente, culturalista ou mesmo religiosa, da Europa, assume maior importância ainda a «constitucionalização» da diversidade europeia. A Constituição é até hoje a mais forte afirmação de que é contrário ao ideal europeu o projecto de uma fortaleza Europa, oásis amuralhado e resguardado dos males do mundo.

A certeza de que a Europa se edifica fundada nos valores que lhe são próprios está na forma como der abrigo aos que acreditam na ideia da Europa-Mundo, na universalidade dos valores que aqui se geraram pela energia e visão dos que para cá vieram no passado, na rota do seu mito fundador, o de Ulisses, da primeira odisséia que nos foi contada, e cuja errância, como escreveu aqui Eduardo Lourenço, num texto belíssimo, é ainda criadora de futuro.